

PESQUISA DA INTERNET SOBRE

TIPOS DE VIOLÊNCIA A MULHER

NOON MOGCI 23412 / 202 / 202 / 202



Vários Tipos de Violência contra a Mulher

Geraldo J. Ballone
Ida V. Ortolani

Parte 1

A violência doméstica é um problema que atinge milhares de crianças, adolescentes e mulheres. É um problema que não costuma obedecer algum nível sociocultural específico, como se pode pensar. Sua importância é relevante sob dois aspectos; primeiro, devido ao sofrimento indescritível que imputa às suas vítimas, muitas vezes silenciosas, em segundo, porque, comprovadamente, a violência doméstica, incluindo aí a Negligência Precoce e o Abuso Sexual, podem impedir, um bom desenvolvimento físico e mental da vítima. Segundo o Ministério da Saúde, as agressões constituem a principal causa de morte de jovens entre 5 e 19 anos. A maior parte dessas agressões provém do ambiente doméstico. O Unicef estima que diariamente 18 mil crianças e adolescentes sejam espancados no Brasil. Os acidentes e as violências domésticas provocam 64,4% das mortes de crianças e adolescentes no País, segundo dados de 1997.

Violência Doméstica

Violência Doméstica, segundo alguns autores, é o resultado de agressão física ao companheiro ou companheira.

Para outros o envolvimento de crianças também caracterizaria a Violência Doméstica. A vítima de Violência Doméstica, geralmente, tem pouca auto-estima e se encontra atada na relação com quem agride, seja por dependência emocional ou material. O agressor geralmente acusa a vítima de ser responsável pela agressão, a qual acaba sofrendo uma grande culpa e vergonha. A vítima também se sente violada e traída, já que o agressor promete, depois do ato agressor, que nunca mais vai repetir este tipo de comportamento, para depois repeti-lo. Para entender a violência doméstica, deve-se ter em mente alguns conceitos sobre a dinâmica da violência doméstica, como por exemplo:

Violência física

Violência física é o uso da força com o objetivo de ferir, deixando ou não marcas evidentes. São comuns murros e tapas, agressões com diversos objetos e queimaduras por objetos ou líquidos quentes. Quando a vítima é criança, além da agressão proativa é considerada Violência Física também os atos de omissão praticados pelos pais ou responsáveis diante da violência expressa.

Violência psicológica

A Violência Psicológica, muitas vezes tão ou mais prejudicial que a física, é caracterizada por rejeição, depreciação, discriminação, humilhação, desrespeito e punições exageradas. Trata-se de uma agressão que não deixa marcas corporais visíveis, mas emocionalmente causa cicatrizes indeléveis por toda a vida.

Negligência

A Negligência, subentendida como Negligência Precoce, é o ato de omissão do responsável pela criança ou adolescente em prover as necessidades básicas para seu desenvolvimento. Vamos considerar Negligência Precoce a situação onde não há uma interação satisfatória entre mãe e filho durante uma fase crítica na vida da criança. Essa ocorrência caracteriza uma das condições capazes de interferir no desenvolvimento infantil. Dependendo da dimensão psicológica e neurológica dessa Negligência Precoce, mesmo que a criança tenha recebido cuidados materiais e físicos adequados mas, tenha sido, esse relacionamento, emocionalmente indiferente ou carente, os danos causados podem ser permanentes.

Síndrome do bebê sacudido (Shaken Baby Syndrome)

Esta síndrome se refere a lesões de gravidade variáveis, que ocorrem quando uma criança, geralmente um lactente, é severa ou violentamente sacudida.

Podem ocorrer em consequência:

1. Cegueira ou lesões oftalmológicas
2. Atraso no desenvolvimento
3. Convulsões
4. Lesões da espinha
5. Lesões cerebrais
6. Morte



Síndrome de Münchausen por procuração

Entidade relativamente rara, de difícil diagnóstico, caracterizado pela fabricação intencional ou simulação de sintomas e sinais físicos ou psicológicos em uma criança ou adolescente, levando a procedimentos diagnósticos desnecessários e potencialmente danosos.

Violência sexual

Abuso de poder no qual a vítima (criança, adolescente ou mulher) é usada para gratificação sexual do agressor sem seu consentimento, sendo induzida ou forçada a práticas sexuais com ou sem violência física.

Segundo dados do CRAMI - Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância (Campinas) temos o seguinte quadro de distribuição da Violência Doméstica contra a criança:

O Centro Regional de Atenção aos Maus Tratos na Infância, de Campinas, publica na os seguintes números sobre a Violência Doméstica:

| AGRESSÕES | 1.985 à 1.997 | % | VIOLÊNCIA | NÚM. | % |
|-----------------------|---------------|------|-------------------|-------|------|
| Agressão Física | 1.717 | 47,1 | Viol. Física | 1.121 | 65,3 |
| Negligência/Abandono | 737 | 20,2 | Viol. Psicológica | 254 | 14,8 |
| Abuso Sexual | 216 | 6,0 | Negligência | 195 | 11,4 |
| Mau trato Psicológico | 397 | 10,9 | Viol. Sexual | 146 | 8,5 |
| Improcedente | 577 | 15,8 | Total | 1.716 | 100 |
| Total | 3.644 | | | | |

Boas estatísticas (de 1999) também podem ser obtidas no site da Polícia Civil de Pernambuco, os quais transcrevemos abaixo. Os números dos tipos de violência diferem do CRAME talvez pela metodologia e pelas qualificações desses tipos. Nestes dados observamos que a violência física é a mais comum, seguida pela Violência Psicológica e pela Negligência. Acontece que para nós, psiquiatras, a violência psicológica e a negligência são terrenos que se misturam, notadamente o tipo de negligência que a psiquiatria forense classifica como Negligência Psicológica.

Para entender mais sobre Negligência, veja [Criança Adotada e de Orfanato](#), sob o título Negligência Precoce. Para sabermos quem é o agressor doméstico, a Polícia Civil de Pernambuco divulga os seguintes resultados:

A AGRESSÃO FOI IMPUTADA POR :

| AGRESSOR | NÚM | % |
|--------------------|-------|------|
| PAI | 652 | 38,0 |
| MÃE | 579 | 33,7 |
| PADRASTO | 148 | 8,6 |
| PAI / MÃE | 91 | 5,3 |
| TIO(A) | 86 | 5,0 |
| COMPANHEIRO/MARIDO | 55 | 3,2 |
| IRMÃO(Ã) | 28 | 1,6 |
| AVÔ(Ó) | 24 | 1,4 |
| MADRASTA | 19 | 1,1 |
| PRIMO(A) | 12 | 0,7 |
| PAI/MADRASTA | 8 | 0,5 |
| CUNHADO(A) | 8 | 0,5 |
| PADRASTO/MÃE | 3 | 0,2 |
| AVÔ E AVÓ | 2 | 0,1 |
| SOGRO | 1 | 0,1 |
| TOTAL | 1.716 | 100 |



**à violência
contra a mulher**

Violência doméstica - O crime escondido

Há milhares de mulheres que sofrem de alguma forma de violência nas mãos dos seus maridos e namorados em cada ano. São muito poucas as que contam a alguém - um amigo, um familiar, um vizinho ou à polícia. As vítimas da violência doméstica provêm de vários estilos de vida, culturas, grupos, várias idades e de todas as religiões. Todas elas partilham sentimentos de insegurança, isolamento, culpa, medo e vergonha. É bastante surpreendente o fato do padrasto e da madrasta agredirem muitíssimo menos que os pais biológicos, ao contrário do que pode se pensar ou se apreçoar culturalmente. Surpreende também os números muito próximos do pai e da mãe como agressores.

Na tabela abaixo, são mostrados dados sobre o tipo da violência e o tipo do agressor, notando-se claramente a questão da negligência ser bastante mais comum vindo das mães do que dos pais e, mais curioso ainda, muitíssimo mais das mães biológicas que das madrastas. Mesmo a Violência Sexual foi mais comum entre os pais biológicos que padrastos.

TIPO DE VIOLÊNCIA POR AGRESSOR

| AGRESSOR | FÍSICA | SEXUAL | PSICOL. | NEGLIG. | TOTAL |
|--------------------|--------------|------------|------------|------------|--------------|
| PAI | 374 | 77 | 134 | 67 | 652 |
| MÃE | 423 | 4 | 43 | 109 | 579 |
| PADRASTO | 81 | 47 | 20 | 0 | 148 |
| PAI E MÃE | 79 | 1 | 0 | 11 | 91 |
| TIO(A) | 50 | 10 | 24 | 2 | 86 |
| COMPANHEIRO/MARIDO | 41 | 0 | 13 | 1 | 55 |
| IRMÃO(Ã) | 25 | 0 | 3 | 0 | 28 |
| AVÔ(Ó) | 12 | 3 | 6 | 3 | 24 |
| MADRASTA | 13 | 0 | 4 | 2 | 19 |
| PRIMO(A) | 5 | 2 | 5 | 0 | 12 |
| PAI E MADRASTA | 8 | 0 | 0 | 0 | 8 |
| CUNHADO(A) | 6 | 2 | 0 | 0 | 8 |
| PADRASTO E MÃE | 3 | 0 | 0 | 0 | 3 |
| AVÔ E AVÓ | 0 | 0 | 2 | 0 | 2 |
| SOGRO | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| TOTAL | 1.121 | 146 | 254 | 195 | 1.716 |

A VIOLÊNCIA

DOMÉSTICA

Parte 2

Geraldo J. Ballone
Ida V. Ortolani

Afinal, se a criança e o adolescente não conseguem encontrar segurança e estabilidade em suas próprias casas, que visão levarão para o mundo lá fora? Os conflitos nas crianças podem resultar da disparidade entre o que dia a mãe, sobre ter medo de estranhos, e a violência sofrida dentro de casa, cometida por pessoas que a criança conhece muito bem. Além disso a violência doméstica pode ainda perpetuar um modelo de razão agressiva e violenta nas crianças que estão com a personalidade em formação. A violência doméstica é considerada um dos fatores que mais estimula crianças e adolescentes a viver nas ruas. Em muitas pesquisas feitas, as crianças de rua referem maus-tratos corporais, castigos físicos, violência sexual e conflitos domésticos como motivo para sair de casa.

A dinâmica do casal

A dependência emocional, mais que a econômica, é que faz a mulher suportar agressões. Isso acontece mesmo quando uma boa parte desses casos tem origem em algo muito mais sério do que pequenas rugas familiares. Dos 849 processos analisados até agora, referentes a casos apresentados na Primeira DDM de São Paulo, em 1988, e na Terceira DDM de São Paulo, em 1988 e 1992, 81,5% se referem a lesões corporais dolosas, ou seja, houve

evidências de agressão suficientes para que a Polícia levasse o caso a Justiça. Dos casos restantes, 4,47% se referem a estupro ou atentado violento ao pudor; 7,77% a ameaças; e 1,53% a seduções.

QUEM DENUNCIA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Na maioria dos casos de arquivamento, ele parte de uma intervenção da própria agredida, que chega a mudar seu depoimento, quando o processo já está correndo na Justiça.

Numa amostra de 20 casos, proporcionais aos tipos de crimes, apenas um acusado foi condenado, mesmo assim porque era reincidente e isso foi considerado uma circunstância agravante.

Essa coleção de exemplos ajuda a traçar um perfil da mulher agredida em casa:

- 50% têm entre 30 e 40 anos,
- 30% têm entre 20 e 30 anos.
- 50% dos casos o casal tinha entre 10 e 20 anos de convivência e,
- 40% entre um e dez anos.

Esses dados mostram que, depois da queixa:

- 40% dos casais se separam.
- 60% continuam a viver conjugalmente.



Em 1988, 85% das denúncias registradas nas primeiras e terceira DDM de São Paulo foram de agressão e 4,17% de ameaças. Em 1992, nas mesmas delegacias, as denúncias de agressão caíram para 68% dos casos, com as ameaças subindo para 21,3%. Essa alteração é um indicador de que, em alguns casos, a mera apresentação da queixa numa delegacia e uma advertência da autoridade policial consegue cessar a violência.

Quem agride

Na expressiva maioria os agressores são homens (67,4%), cônjuge e/ou ex-cônjuge da vítima. Não há trabalhos explícitos sobre incidência de patologias psiquiátricas nos agressores, entretanto, considera-se válido que os agressores se dividem entre portadores de: Transtorno Anti-social da Personalidade, Transtornos Explosivo da Personalidade (Emocionalmente Instável), Dependentes químicos e alcoolistas, Embriagues Patológica, Transtornos Histéricos (histrionico), Outros transtornos da personalidade, tais como, Paranóia e Ciúme Patológico.

Questionário preditivo de violência doméstica. A pessoa que convive com você...

1. Agride na maior parte do tempo?
2. Acusa constantemente de ser infiel?
3. Desencoraja-a as suas relações de amizade com a sua família e amigos?
4. Priva-a de trabalhar, de estudar?
5. Critica-a por pequenas coisas?
6. É agressivo com facilidade, quando está bêbado ou drogado?
7. Controla as finanças, obriga-a e força-a a comprar só o que ele acha importante?
8. Humilha-a em frente de outros?
9. Destroi objetos pessoais e com valor sentimental?
10. Agride ou espanca seus filhos?
11. Usa e/ou apontou alguma arma contra você?
12. Obriga a ter relações sexuais contra sua vontade?

Em relação à idade dos agredidos os dados também podem surpreender; os mais agredidos foram as crianças menores (2 anos). Isso ocorre, possivelmente, devido ao fato dessa faixa etária ser a que mais desperta interesse na denúncia. E quem denuncia ? Esses dados estão na outra tabela. Os denunciante anônimos estão em terceiro lugar, seguidos pelos vizinhos.

| POR IDADE DO AGREDIDO | | | POR DENUNCIANTE | | |
|-----------------------|-------|-----|-----------------|-------|------|
| Idade | Núm. | % | DENUNCIANTE | NÚM | % |
| 2 Anos | 119 | 6,9 | MÃE | 773 | 45,0 |
| 3 Anos | 118 | 6,9 | PAI | 448 | 26,1 |
| 4 Anos | 116 | 6,8 | DEN. ANON. | 317 | 18,5 |
| 5 Anos | 115 | 6,7 | VIZINHO | 59 | 3,4 |
| 1 Ano | 113 | 6,6 | TIO(A) | 54 | 3,1 |
| 6 Anos | 113 | 6,6 | IRMÃ(O) | 22 | 1,3 |
| 8 Anos | 102 | 5,9 | CONHECIDO | 20 | 1,2 |
| 16 Anos | 102 | 5,9 | PMPE | 7 | 0,4 |
| 7 Anos | 92 | 5,4 | N.I. | 6 | 0,3 |
| 10 Anos | 89 | 5,2 | AVÔ(Á) | 5 | 0,3 |
| 12 Anos | 90 | 5,2 | VÍTIMA | 3 | 0,2 |
| 15 Anos | 90 | 5,2 | CUNHADO(A) | 1 | 0,1 |
| 11 Anos | 88 | 5,1 | MADRATA | 1 | 0,1 |
| 13 Anos | 87 | 5,1 | TOTAL | 1.716 | 100 |
| 9 Anos | 84 | 4,9 | | | |
| 17 Anos | 84 | 4,9 | | | |
| 14 Anos | 69 | 4,0 | | | |
| N.I. | 40 | 2,3 | | | |
| 0 Anos | 5 | 0,3 | | | |
| Total | 1.716 | 100 | | | |

Entre as três formas mais importantes de violência doméstica, a mais complexa delas é a violência sexual. Esta, tende a ficar escondida dentro das casas devido ao medo de represália, vergonha ou temor de que ninguém acreditará na vítima. Aliás, não acreditar na filha violentada pelo pai pode interessar a muita gente, principalmente à mãe, normalmente, complacente sob a máscara de ignorar.

Outra forma de violência cometida contra crianças e adolescentes é a psicológica.

Ela ocorre, por exemplo, quando os adultos usam ameaças ou estratégias semelhantes para exigir que a criança obedeça a um comando, quando eles comparam as crianças a outras, depreciando-as, ou quando lhes negam afeto. A terceira forma mais importante de violência doméstica é a Negligência, que acontece quando os responsáveis deixam de prover os recursos mínimos, como por exemplo alimentação, atenção e higiene, ou a conhecida Negligência Precoce, que diz respeito à oferta de atenção afetiva (veja as consequências disso em).

Quem é agredido(a)

As mulheres são vítimas em 84,3% dos casos. Com mais frequência, as vítimas estão nas seguintes faixas etárias: 24,6% de 18 a 35 anos, 21,3% de 36 a 45 anos e 13% de 46 a 55 anos. Segundo estes trabalhos, as mulheres que apanham do parceiro têm alguns aspectos psicológicos comuns. Muitas vezes, elas até mantêm uma certa cumplicidade com as atitudes agressivas do parceiro. Algumas destas mulheres vêm de famílias onde a violência e os castigos físicos faziam parte do cotidiano e é como se fossem obrigadas a repetir estas situações em suas relações atuais. No momento de escolher um parceiro, podem, mesmo não sendo consciente, escolher homens mais agressivos, inocentemente admirados por elas nos tempos de namoro. O namorado brigão era visto como protetor e o ciúme exagerado que ele expressava era considerado uma "prova" de amor. É importante para os pais pensarem um pouco se ao educar as filhas mulheres, não estão formando nelas a idéia de que são seres frágeis, que precisam de proteção permanente e que ser corrigidas (mesmo que seja por tapas) pelo pai será benéfico para o futuro.

Um elemento comum na maioria destas mulheres é o medo de não ter condição financeira para se manter ou aos filhos, se saírem da relação. O dinheiro entra aí como fator de controle sobre a mulher. Voltamos a sugerir que os pais pensem se na educação dos filhos não condicionam a liberdade deles pelo dinheiro, ameaçando cortar o apoio financeiro como forma de obter respeito e obediência. Esta atitude pode criar tanta insegurança na filha, ao ponto dela se sentir incapaz de resolver sozinha seus próprios problemas quando adulta. Algumas mulheres se sentem muito frustradas e culpadas por não "conseguirem" ter feito o casamento dar certo. Estas foram educadas para cumprir o papel de mulher bem casada e se sentem incapazes de encarar o fato de terem errado na escolha. Para elas, neste caso, falhar no casamento é pior que manter uma relação, ainda que péssima. Por vergonha e constrangimento, costumam esconder de todos que apanham dos parceiros, pois têm a esperança que eles mudem com o tempo. Mas a situação se arrasta ou se complica e ela não vê saída. Portanto, a vítima, quase sempre tem uma relação de dependência com o agressor.

Mais que a dependência econômica com relação ao homem, é a dependência emocional que faz a mulher suportar as agressões. Há casos de maridos que vão ao local de trabalho da mulher e a agridem diante de colegas, e de abusos sexuais de pais contra filhas depois que ela se afastou do domicílio comum. Mesmo a separação não significa o fim da violência. Numerosas vezes, o marido continua a importunar a ex-mulher, especialmente quando ela vive só ou com os filhos. O caso pode mudar, contudo, quando a mulher passa a viver com um novo marido ou companheiro.

A Violência verbal

Nem sempre, porém, a mulher é a vítima. Quando o homem não está presente ela se torna toda-poderosa, com relação aos filhos, e podem ocorrer casos de agressão contra as crianças. Em decorrência de sua menor força física e da tolerância da sociedade em relação à violência masculina, a mulher tende a se especializar na violência verbal. De qualquer maneira, a violência doméstica não é uma exclusividade brasileira. Atinge todos os países e culturas, com formas e incidências variadas.

Não existe no Brasil um tipo de violência contra a mulher, como a ablação do clitóris e a sutura dos grandes lábios da vulva, comuns em países africanos, ou a prática do sati, o costume indiano que obriga a viúva a imolar-se na mesma pira em que é cremado o corpo do marido. Há oscilações dos direitos da mulher mesmo em sociedades mais antigas.

Na França, por exemplo, qualquer relação sexual entre cônjuges que não seja consentida é considerada estupro - o que não ocorre no Brasil, onde a mulher deve estar sempre disponível para o companheiro.

Na Grã-Bretanha a mulher que mata o marido normalmente recebe pena maior que o assassino da esposa. A lei inglesa parte do princípio de que, como a mulher é mais fraca fisicamente, só conseguirá matar um homem se houver premeditação. Esta constitui um agravante, que eleva a pena.

No Brasil, nunca se realizou pesquisa sobre o assunto. Quanto aos homens que assassinam suas companheiras, em geral, ou não são punidos ou são apenas brandamente, pois se considera como atenuante o muitas vezes alegado estado de forte emoção do indivíduo, critério ainda presente na legislação brasileira.

CONSEQÜÊNCIAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Portanto, a questão da negligência não deve ser atribuída exclusivamente à pobreza material dos pais. O não proporcionar recursos materiais devido à pobreza, não caracteriza a Negligência mas sim a carência, uma vez que tais recursos seriam providos caso houvessem. Negligência é a atitude omissa, seja materialmente, seja afetivamente (Negligência Material e Negligência Emocional). Inúmeros trabalhos mostram que o apoio afetivo, o carinho e o amor são tanto ou mais essenciais para o desenvolvimento da pessoa quanto a mesa farta.

A Violência Física (espancamento) é a agressão mais comum, sendo que alguns agressores chegam a amarrar as crianças com cordas ou correntes e espancá-los com objetos como cinto, vassoura, painéis, martelos, etc. A Violência Física engloba ainda outros atos de verdadeiro sadismo, como por exemplo queimaduras com pontas de cigarro, água fervendo, privação de comida e água, etc. A atitude de agredir, covardemente prevalecida da maior força física dos pais pode resultar em severos traumatismos. São casos onde adultos que batem com a cabeça ou atiram a criança contra a parede. Muitas vezes essas trucidades levando à morte. Além das marcas físicas, a violência doméstica costuma causar também sérios danos emocionais.

Normalmente é na infância que são moldadas grande parte das características afetivas e de personalidade que a criança carregará para a vida adulta. Acontece que as crianças aprendem com os adultos, normalmente e primeiramente dentro de seus lares, as maneiras de reagirem à vida e viverem em sociedade. As noções de direito e respeito aos outros, a própria auto-estima, as maneiras de resolver conflitos, frustrações ou de conquistar objetivos, tolerar perdas, enfim, todas formas de se portar diante da existência são profundamente influenciadas durante a idade precoce. É assim que muitas crianças abusadas, violentadas ou negligenciadas na infância se tornam agressoras na idade adulta.

Alguns indícios de mau desenvolvimento de personalidade podem ser observados em idade precoce. Algumas dessas características podem ser manifestadas por dificuldades para se alimentar, dormir, concentrar-se. Essas crianças podem começar a se mostrarem exageradamente introspectivas, tímidas, com baixa auto-estima e dificuldades de relacionamento com os outros, outras vezes mostram-se agressivas, rebeldes ou, ao contrário, muito passivas. Crianças que estão atravessando problemas domésticos relacionados à violência invariavelmente apresentam problemas na escola e no grupo social ao qual pertencem. Podem, não obstante se recusarem a falar sobre esses problemas, quer com o adulto que cometeu a agressão, quanto com familiares e professores. Falta-lhes confiança nos adultos em geral.

A VIOLÊNCIA SEXUAL DOMÉSTICA

A pesquisa do Serviço de Advocacia da Criança revelou que violência sexual chega a 13% do total das denúncias de violência recebidas pelo serviço. A família foi responsável por 62% desses casos de violência sexual. O pai aparece como o principal agressor em 59% das vezes, seguido pelo padrasto em 25%. Entre os meninos, o pai foi o violentador principal em 48% dos casos, seguido dos padrastos e dos tios. As violências sexuais aparecem também vinculadas a outras formas de agressão, como as violências físicas e a restrição à liberdade (*Violentados. Crianças, adolescentes e justiça, de Edson Passetti. Ed.Imaginário, 1995, São Paulo*). Portanto, o grande agressor sexual doméstico é o pai.

Esse assunto costuma ser muito polêmico e difícil de se resolver. Normalmente mexe com padrão e dinâmica da família, envolve punições e separações. Não é raro que a criança vitimada por violência sexual seja severamente punida depois de relatar sua experiência para outros familiares; ou é considerada mentirosa, promotora de discórdia, difamadora, ou é considerada facilitadora e estimuladora da agressão. As transgressões sexuais acabam acarretando culpa, vergonha e medo na vítima e mesmo nos possíveis denunciadores solidários à vítima. Assim, a ocorrência desses crimes sexuais tende a ser ocultada. Temos visto inúmeras mães que negam a ocorrência da violência sexual por parte de seus maridos sobre

suas filhas porque temem suas conseqüências sociais e policiais, temem as conseqüências intra-familiares, preferem viver juntas com seus maridos do que separadas deles, enfim, há uma complacência omissa que pode ser tão criminosa quanto a agressão.

No Brasil, de um modo geral, as pesquisas são poucas e, às vezes contraditórias. Nos Estados Unidos sabe-se, com maior precisão, que o abuso sexual ocorre em um terço das famílias. Mas lá, tanto quanto aqui, a pequena vítima não revela seu segredo à mãe, por temer magoá-la.

E quando a mãe toma conhecimento dos fatos, ela costuma escolher uma das seguintes atitudes;

- 1 - Denunciar o agressor. A grande maioria das mães que optam por essa alternativa não a faz de imediato. Elas costumam levar anos para terem coragem para enfrentar o marido e as conseqüências. Quando ocorre a denúncia, em cerca de dois terços dos casos, as mães levam a notícia do crime à autoridade policial e se separam do companheiro.
- 2 - Não acreditar que seu companheiro ou marido seja capaz de abusar sexualmente da própria filha.
- 3 - Suspeitar que possa ser verdade mas não têm certeza de que o marido ou companheiro seja um agressor sexual.

Essas mães preferem viver eternamente na dúvida do que investigar a veracidade dos fatos pois, de modo geral, a certeza costuma ser muito ameaçadora. Algumas vezes, quando as evidências são incontestáveis, ainda arriscam acreditar que a filha foi quem "seduziu" o pai. Na maioria dos casos, de algum modo quase toda mãe sabe o que está acontecendo. Mas é um conhecimento que os mecanismos de defesa do Ego empurra para os porões do inconsciente. Portanto, as mães negam e reprimem esse fato para subterrâneos onde ele incomoda menos, negam esse conflito para se desobrigarem de atitudes severas em relação ao companheiro. Nessa situação a mãe costuma ser outra vítima e cúmplice simultaneamente.

Ao contrário do que se pensa com freqüência, a violência sexual doméstica não ocorre em famílias sempre desestruturadas.

(veja os Mitos do Abuso Sexual em Delito Sexual).

VOLTA PARA 1a. PARTE

Ballone GJ, Ortolani IV - *Violência Doméstica* (2001), in. PsiqWeb, Psiquiatria Geral, Internet, disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/infantil/violdome.html>